

CLIFFORD, J. (1986) *On Ethnographic Allegory In Writing Culture: the Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, University of California.

WATSON-GEGEO K. (1988) *Ethnography in ESL: Defining the Essentials*. In: *Tesol Quarterly*, Vol 22, No 4

#### ABREVIACOES:

ERICKSON, F. (1987) *Transformation and School Success: The Politics and Culture of Educational Achievement*. In: *Anthropology & Education Quarterly*, Vol 18, Number 4, pp 335-356.

AA- alunos (grupo em corol)  
A1, A2, A3, etc.- aluna ou aluno alternadamente

Prof. - Professora

FOUCAULT, M. (1996) *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

Prof. - Professor

MATERIAL DE ESTUDO:  
Gravações de aulas em fita cassete (11

horas de gravação)

Questionários aos professores

Questionários aos alunos

LONG, M. (1989) *Second Language Classroom Research and Teacher Education*. In: London, ELT Documents 133, Modern English Publications/ British Council, pp. 161-170.

NUNAN, D. (1992) *Research Methods in Language Learning*, Cambridge, CUP.

\_\_\_\_\_ (1986) *Understanding Language Classrooms: a guide for Teacher Initiated Action*. London, Prentice Hall.

SIMON, R. (1992) *Teaching against the grain: texts for a pedagogy of possibility*. New York: Bergin and Garvey.

TRAUSS, L. C. (1920) *Introdução: História e Etnologia em Antropologia Estrutural*, apud Franz Boas. In: *The Methods of Ethnology*, American Anthropologist, vol. 22, pp 311-322.

SWANN, J. (1994) *Observing and Recording Talk in Educational Settings*. Graddol, D. et al(eds).

## O que fazemos quando usamos a língua? Alguns aspectos da teoria dos atos de fala e sua relevância para o ensino/aprendizado de línguas

Edleise Mendes Oliveira Santos  
UEFS-BA

"Mas se todo mal está nisso!... Nos palavras. Todos trazemos dentro de nós um mundo de coisas: cada qual tem o seu mundo de coisas! E como podemos entender-nos, senhor, se, nas palavras que digo, ponho o sentido e o valor das coisas como são dentro de mim, enquanto quem as ouve lhes d, inevitavelmente, o sentido e o valor que elas têm para ele, no mundo que traz consigo? Pensamos entender-nos... e jamais nos entendemos!"

Luigi Pirandello<sup>1</sup>

### Introdução

Falar uma língua qualquer, independente de suas características, contexto social ou geográfico, é mais do que uma simples troca de informações. Como fenmeno abstrato que é, a língua torna-se instrumento concreto quando é utilizada por seus falantes/ouvintes em situação de comunicação. Nesse sentido, falar uma língua, torná-la viva, envolve cooperação, conflitos e negociação

entre seus usuários, processo no qual também estão atuando diferentes níveis de competência dos falantes (lingstica, pragmática, cultural...), além de elementos extra-lingsticos e contextuais. O "estar no mundo" do indivíduo, enquanto ser social e cultural, concretiza-se através da sua fala, dos atos que processa com e através dela.

Neste trabalho, pretendemos discutir, de forma breve, como os atos verbais que estruturam e moldam a comunicação humana são importantes para se compreender o funcionamento das línguas e o seu uso, considerando os aspectos envolvidos nesse processo, como os sociais, culturais e psicológicos, que interagem com/entre os falantes quando "agem" através da língua.

Para cumprir o nosso objetivo, ressaltaremos alguns aspectos da teoria dos atos de fala, que servirão de aporte para a nossa breve reflexão, a qual tem como foco central a consideração dos

1) PIRANDELLO, Luigi. *Seis personagens à procura de um autor*. Trad. Brutus Pedreira. São Paulo: Abril Cultural, 1977. p. 57

atos de fala como fenômeno intercultural, cuja investigação tem produzido reflexos significativos em diferentes áreas de estudo da linguagem, mais especificamente, no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Após um breve relato de algumas das muitas pesquisas que têm sido desenvolvidas dentro dessa temática, discutiremos alguns aspectos do papel da entoação na realização de atos de fala diretos de pedidos e alguns tipos de atos de fala indiretos em situação de ensino/aprendizagem de português como língua estrangeira.

## 1. Alguns aspectos da teoria dos Atos de Fala: os diferentes tipos de atos ilocucionários

A teoria dos Atos de Fala teve o seu início com as ideias desenvolvidas inicialmente por John Austin<sup>2</sup>, em resposta à tradição da Linguística Estrutural que negligenciava os aspectos semânticos da enunciação, ato individual de uso da língua. Para Austin, dizer alguma coisa é fazer alguma coisa. Este fazer é um ato de linguagem ou um ato de fala. A partir da noção de atos de fala, muitos estudos no âmbito da linguagem passaram a considerar o uso efetivo da língua e as suas diferentes funções comunicativas, a linguagem entendida como instrumento de ação.

A primeira distinção importante feita por Austin foi entre os usos da língua

2) *How To Do Things With Words* foi o livro de J. L. Austin que apresentou os fundamentos da Teoria dos Atos de Fala. Foi publicado pela Oxford University Press, em 1962.

que levam à realização de ações e usos que são simples relatos, os quais; chamou de *performativo* e *constativo*, respectivamente. Dessa forma, enunciados performativos e constativos não podem ser descritos da mesma maneira. Os enunciados constativos, que caracterizam relatos, trazem em si a pergunta se eles nos dão ou não uma visão correta dos fatos, sua análise centra-se na consideração de suas condições de verdade, orientada pelo princípio de que conhecer a significação de uma oração é conhecer as condições em que ela seria verdadeira (Ilari&Gerald; 1998:74). Por outro lado, para se analisar o significado dos enunciados performativos, a condição de verdade é ineficiente, pois obtemham sucesso ou não, realizem o seu intento de provocar ou não os efeitos desejados no ouvinte, o fato de serem verdadeiros ou falsos não será relevante, uma vez que estes enunciados não veiculam informação, mas são ações realizadas verbalmente (Ilari&Gerald; 1998).

Outra distinção básica, estabelecida por Austin, fundamental para o desenvolvimento da teoria dos Atos de Fala, foi entre atos *locucionários*, *ilocucionários* e *perlocucionários*. O ato locucionário caracteriza-se pelo ato de produção de uma frase, dotada de um sentido e de uma referência; o ato ilocucionário compreende a significação do próprio ato no uso da língua, isto é, o que se faz, dizendo; e o ato perlocucionário é o que depende do ouvinte, ou seja, que provoca determinados efeitos na pessoa a quem se dirige (Cunha; 1991). Estes e outros

princípios estabelecidos por Austin, nos quais não vamos aqui nos aprofundar, forneceram a fundamentação básica para o trabalho que depois seria ampliado e desenvolvido por John Searle<sup>3</sup>.

Searle, baseando-se em Austin, desenvolveu mais sistematicamente a teoria dos atos de fala, sendo o responsável por sua semantização, visto que todo o desenvolvimento que promoveu da teoria depende de princípios que o torna ligado à semântica, e não à pragmática. Um dos princípios fundamentais apresentados por Searle é o da *exprimibilidade*, segundo o qual tudo o que pode ser pensado, pode ser dito.

Searle<sup>4</sup> afirma que a língua, como qualquer outro sistema, pode ser definida de acordo com as diferentes formas em que pode ser usada - ou seja, pode ser definida por categorias de uso. Nesse sentido, um dos postulados básicos apresentados por Searle é o de que o conhecimento de uma língua não consiste em conhecer palavras ou sentenças, mas conhecer atos de fala.

Baseando-se em Austin, Searle desenvolve uma taxinomia para os atos ilocucionários. Para isto, primeiramente estabelece uma distinção entre *força ilocucionária* de uma emissão e seu

conteúdo proposicional, os quais vão ser representados por F(p) (força ilocucionária + conteúdo proposicional). A sua classificação dos diferentes usos da língua baseia-se, portanto, na distinção dos diferentes tipos de força ilocucionária.

Para distinguir um tipo de ato ilocucionário de outro, Searle estabeleceu alguns critérios que fundamentarão a sua taxinomia dos atos de fala. Embora no desenvolvimento de sua teoria tenha elencado doze desses critérios, e os discutido ao longo do seu estudo, ele elege três como sendo fundamentais. O primeiro deles diz respeito às *diferenças quanto ao propósito do tipo de ato*, que indica a finalidade do ato e faz parte da força ilocucionária<sup>5</sup>. O segundo critério refere-se à *direção do ajuste entre as palavras e o mundo*, ou seja, diz respeito ao fato de que as palavras (conteúdo proposicional) de algumas elocuições podem responder ao mundo (como enunciados, descrições, asserções e explicações), por um lado, e por outro, podem fazer o mundo corresponder às palavras (como os pedidos, comandos, juramentos e promessas). O último critério que considera fundamental para a sua classificação é o que dá conta das *diferenças quanto aos estados psicológicos expressos pelo falante ao*

3) Vide SEARLE, John. *Speech acts*. Cambridge, England : Cambridge University Press, 1969.

4) SEARLE, John. *Expressão e Significado - Estudos da Teoria dos Atos de Fala*. Trad. Ana Cecília Comargo e Ana Luiza Garcia. São Paulo : Martins Fontes, 1995.

5) De acordo com Searle, o propósito ilocucionário faz parte da força ilocucionária, mas não se confunde com ela. A força ilocucionária, ressaltado, é resultante de vários elementos, entre os quais o propósito ilocucionário, o qual considera o mais importante. Op. Cit. (1995).

realizar qualquer ato ilocucionário. A esse estado psicológico expresso na realização do ato ilocucionário, Searle vai denominar *condição de sinceridade do ato*. (Searle; 1995)

A partir destes critérios, propósito ilocucionário, direção do ajuste e condição de sinceridade, os quais considera os mais importantes, Searle (1995:19-31) constrói a sua taxinomia dos atos de fala. Apresenta, dessa forma, cinco categorias básicas dos atos ilocucionários. Os *asserativos* têm como propósito comprometer o falante (de diferentes formas) com a verdade da proposição expressa; a direção do ajuste é *palavra-mundo* e o estado psicológico expresso pelos falantes é *crença* (que *p*). Os *diretivos* são tentativas (em diferentes graus) do falante de levar o ouvinte a fazer algo; a direção do ajuste é *mundo-palavra* e a condição de sinceridade é a vontade (ou desejo). Os *compromissivos* comprometem o falante (em diferentes graus) com alguma linha futura de ação; a direção do ajuste é *mundo-palavra* e a condição de sinceridade é a intenção. Os *expressivos* denotam um estado psicológico, baseado na condição de sinceridade a respeito de um estado de coisas especificado no conteúdo proposicional. Esse tipo de ato ilocucionário não possui direção do ajuste. O falante, ao realizá-lo, não tenta fazer com que o mundo corresponda às palavras ou as palavras correspondam ao mundo, pois a verdade da proposição expressa é pressuposta. E, finalmente, as *declarações*, cuja característica definidora é que a sua realização bem sucedida garante a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade/o mundo: se

sou bem sucedido em realizar o ato de designá-lo presidente, então você é presidente. (Searle; 1995: 26) A direção do ajuste é tanto palavra-mundo quanto mundo-palavra e não há condição de sinceridade.

Uma das conclusões principais a que chega Searle, após estabelecer uma taxinomia dos atos de fala, é que não há um número infinito e ilimitado de usos da linguagem. De acordo com o seu ponto de vista, a ilusão de que os usos da linguagem são ilimitados, como pensam muitos, é proveniente de uma grande falta de clareza em se estabelecer os critérios adequados que permitam distinguir um determinado uso da linguagem de outro. Dessa forma, ao se partir da noção de propósito ilocucionário, como fundamento básico para a classificação dos diferentes usos da linguagem, há, de acordo com Searle (1995: 46), um número limitado de coisas que podemos fazer com a linguagem: dizemos às pessoas como as coisas são, tentamos levá-las a fazer coisas, comprometemo-nos a fazer coisas, expressamos nossos sentimentos e atitudes, e produzimos mudanças por meio de nossas emissões.

## 2. Os atos de fala indiretos

Além da classificação dos tipos de atos ilocucionários, Searle dedica uma parte do seu estudo a um tipo de emissão utilizada pelo falante que difere do modo como são produzidos os casos mais simples de significação, nos quais o falante emite uma sentença e quer significar exata e literalmente o que diz. (1995: 47) Nos atos de fala indiretos, como ressalta Searle, a significação da emissão do falante

diverge da significação da sentença, em diferentes tipos de ocorrências. O autor cita, por exemplo, o caso das alusões, insinuações, ironias e metáforas, nas quais a significação da sentença emitida quer significar o que diz, mas também algo mais que não aparece explicitamente no sentido literal da sentença.

O problema inicial colocado por Searle é o de que na maioria dos nossos atos de linguagem, o sentido literal da frase e o sentido que ela adquire em contexto (sentido pragmático) não são os mesmos. Em muitos casos, a depender do contexto, o falante emite uma sentença, quer significar o que diz, mas também quer significar algo mais. Nesses casos, uma sentença que apresenta determinada força ilocucionária, correspondente a determinado ato ilocucionário, pode ser realizada para indicar, adicionalmente, um outro tipo de ato ilocucionário. Em outros casos, o falante pode produzir uma sentença, quer significar o que diz e também significar uma outra elocução com conteúdo proposicional diferente. Dessa forma, a estratégia inferencial apontada por Searle é estabelecer, em primeiro lugar, que o propósito ilocucionário primário diverge do literal e, em seguida, identificar qual seja o propósito ilocucionário primário. (Searle; 1995)

Segundo Searle (1995: 50) em atos de fala indiretos, o falante comunica ao ouvinte mais do que realmente diz, contando com a informação de base,

lingüística e não lingüística, que *compartilhamos*, e também com as capacidades gerais de racionalidade e inferência que *teríamos*. O aparato teórico necessário para explicar os atos de fala indiretos inclui, na concepção de Searle, informações de base compartilhadas, uma teoria dos atos de fala e certos princípios gerais de conversação (alguns dos quais, segundo o autor, já foram discutidos por Grice<sup>6</sup>).

Exemplo clássico apresentado por Searle (1995:48) é o que o falante emite uma sentença como "Você pode alcançar o sol?", cujo sentido literal é o de ser uma simples pergunta sobre a capacidade de alguém alcançar um objeto. No entanto, a outra elocução presente na mesma sentença possui um conteúdo proposicional diferente, que é o de ser um pedido para que o ouvinte passe o sol. Nesse tipo de emissão, há a presença de duas forças ilocucionárias.

Além do exemplo mostrado acima, há uma série de outros destacados por Searle, os quais podem ser agrupados em categorias, como a que inclui sentenças relativas à habilidade do ouvinte para realizar determinado ato, como no exemplo citado; outra que inclui sentenças relativas ao desejo do falante de que o ouvinte realize algo, como em "Eu gostaria que você não fizesse isso agora.", dentre outras.

Seja importante ressaltar, ainda com relação aos atos de fala indiretos, a importância do contexto para a emissão

6) A teoria das implicaturas conversacionais de Grice apresenta alguns princípios que contribuem, de forma efetiva, para explicar os atos de fala indiretos discutidos por Searle. Vide Grice, H.P. *Logic and conversation*. Syntax and Semantics, vol.3, Speech Acts, Peter Cole and Jerry L. Morgan (eds.). London: Academic Press, 1975.

e compreensão desse tipo de sentença. Alguns atos de fala indiretos são mais dependentes de contexto, sobretudo quando não são convencionais, ao contrário da grande maioria das emissões que tem mais de uma força ilocucionária. A maior parte dos exemplos utilizados por Searle é bastante convencional, como as sentenças que representam pedidos indiretos: "Can you pass the salt?" e outras formas utilizando-se o modal "can/could"; "I would like you to go now" ou "I want you to do this for me", dentre outras. De acordo com Nattinger & DeCarrico (1992), esses atos de fala indiretos convencionais, os quais são facilmente reconhecíveis numa situação de interação linguística, são normalmente formados por expressões ou sentenças lexicais (*lexical phrases*<sup>7</sup>).

Para se compreender o que fazemos quando usamos a língua e como o fazemos, é necessário que consideremos o sentido pragmático que regula os usos da língua pelos falantes, ou seja, as suas ações através da língua. Em alguns casos, a consideração do contexto torna-se ainda mais relevante, como no ensino/aprendizagem de línguas/culturas diferentes, sobretudo considerando-se a emissão de atos de fala indiretos. Nos itens subsequentes, refletiremos, de maneira breve, sobre alguns aspectos dessas questões.

### 3. Algumas considerações sobre o estudo dos atos de fala entre línguas/culturas

A língua, enquanto fenômeno social, cuja existência funda-se na necessidade de comunicação, somente torna-se concreta a partir do uso individual dos falantes. Nesse sentido, a situação, o momento de enunciação representa um papel fundamental para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal. (Bakhtin; apud Brandão, 1994). Ao se pensar em significado, portanto, não se pode deixar de pensar em contexto e situação, assim como nos questões culturais que permeiam o uso das línguas; qualquer teoria da linguagem, nesse sentido, deve ser entendida dentro do contexto.

A linguagem/o uso da língua é, por sua própria natureza, manifestação da cultura, dessa forma, o sistema de valores dos indivíduos, incluindo aqueles fornecidos pelo grupo do qual fazem parte, representa um papel fundamental no modo como usam sua língua materna ou primeira língua, assim como no modo como adquirem uma segunda língua ou língua estrangeira. (Clyne, 1994)

O estudo dos atos de fala, dentro de uma perspectiva intercultural, fundamenta-se no fato de que diferentes culturas variam com relação aos seus estilos interacionais e apresentam diferentes preferências e modos de realização dos atos de fala. Segundo Clyne (1989), determinados estilos interacionais, culturalmente marcados, criam expectativas e estratégias interpretativas específicas, os quais

podem promover bloqueios numa comunicação entre línguas/culturas diferentes. O estudo dos atos de fala deve considerar, dessa forma, os padrões sociais e culturais que regulam o comportamento linguístico dos falantes, como, por exemplo, os graus de distância social e de poder entre os participantes do ato comunicativo e sua interação com outros fatores situacionais.

Estudos específicos sobre os atos de fala têm sido desenvolvidos dentro de uma perspectiva que considera a fala como um fenômeno cultural. Pesquisas apontadas por Clyne<sup>8</sup>, focalizando certos tipos de atos como desculpas, pedidos e atos diretivos de uma maneira geral, demonstraram que os atos de fala e a maneira como são realizados, em situações interculturais, tendem a não ser autônomos, mas parte de padrões complexos de fenômenos inter-relacionados. Os pesquisadores concluíram que a cultura interage com questões de gênero e com outras relações de poder que determinam a variação dos atos de fala produzidos em situação de comunicação<sup>9</sup>.

Um dos grupos de pesquisa nesta área, denominado Cross-Cultural Speech Act Realization Project (CCSARP)<sup>10</sup>, focaliza dois tipos de atos de fala: pedidos (requests) e desculpas

(apologies). A parte mais substancial das pesquisas desenvolvidas por este grupo contrasta aspectos do uso da linguagem do espanhol argentino, inglês australiano, francês canadense, alemão da Alemanha e o hebreu israelense.<sup>11</sup> O objetivo geral de investigação do CCSARP é estabelecer os padrões de realização de atos de pedidos (requests) e de desculpas (apologies), de acordo com diferentes aspectos sociais e através de um determinado número de línguas e culturas, incluindo variantes nativas e não-nativas.

Blum-Kulka et al (1989) observam a importância da consideração dos aspectos das relações sociais que determinam a variação dos atos de fala. Ressaltam como uma das principais questões que emergem nos estudos nesta área os graus de distância social e os graus de poder entre os participantes de uma situação comunicativa, fatores que também interagem com outros aspectos situacionais. No entanto, os autores observam que a relativa importância assumida por esses e outros fatores situacionais difere de cultura para cultura. Citam como exemplo o fato de que a variação nos atos diretivos de pedido realizados na sociedade israelense é feito de variantes pessoais (idade dos falantes), tipo de objetivo do pedido e meio (oral

7) "As a preliminary definition, we might describe lexical phrases as 'chunks' of language of varying length, phrases like as it were, on the other hand, as X would have us believe, and so on." (Nattinger & DeCarrico; 1992: 1)

8) CLYNE, Michael. *Intercultural communication at work - cultural values in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

9) Vide Brown and Levinson (1978; 1987); Bayraktaroglu (1991); Coulmás (1978); Werzbička (1991); dentre outros. Apud CLYNE, op. cit.

10) São integrantes deste grupo de pesquisa Shoshana Blum-Kulka, Claus Faerch, Juliane House, Gabriele Kasper, dentre outros. Vide CLYNE; Op. Cit.

11) House e Kasper (1981); Blum-Kulka (1989); Blum-Kulka e House (1989). Vide CLYNE; Op. Cit.

escrito). Os atos diretos tendem a aumentar com o aumento da familiaridade, assim como de acordo com a transição do público para o privado. De uma maneira geral, os resultados das pesquisas desenvolvidas pelos autores indicaram que a relativa distância social e as relações de poder na sociedade israelense afetam o comportamento dos indivíduos na escolha dos atos que enfocam pedidos.

Outros exemplos de pesquisas são apontados por Blum-Kulka et al (1989) e Kasper & Blum-Kulka (1993), os quais reforçam o fato de que diferentes correntes de estudos da linguagem têm-se voltado para a questão dos atos de fala e a sua relação com o contexto: relações sociais, aspectos culturais do grupo em questão, graus de polidez etc.

Pesquisas desenvolvidas por etnógrafos da fala focalizam, por exemplo, os regras de uso dos atos de fala como afirmação da identidade cultural (Hymes, 1962, 1972, 1974; apud Blum-Kulka et al, 1989). Outros trabalhos focalizam os estilos de fala relativos às noções de atos diretos e indiretos, objetivando observar as diferenças apresentadas entre línguas/culturas, como a cultura grega comparada com a cultura americana (Tannen, 1981; apud Blum-Kulka et al, 1989). Esta linha de pesquisa, por exemplo, mostra que quando falantes de diferentes comunidades de fala interagem, os problemas que desenvolvem nas situações de

comunicação são resultado direto de diferenças no sistema de inferência conversacional, o qual é marcado pelo estilo interacional culturalmente distinto.

Outros estudos contrastivos têm sido desenvolvidos com base na análise de diferentes línguas/culturas e os diferentes tipos de atos de fala produzidos nessa interação. Essas pesquisas, de uma maneira geral, denotam particular atenção ao valor e função da polidez ou deferência na realização dos atos de fala, assim como à universalidade desse fenômeno entre línguas e culturas<sup>12</sup>. Também estes estudos revelam que a compreensão das características específicas de uma cultura pode oferecer evidências adicionais que reforçam o fato de que as comunidades de fala tendem a desenvolver padrões culturalmente distintos de interação.

A referência a algumas dessas pesquisas serve-nos para destacar que o estudo dos atos de fala tem sido uma das áreas mais férteis de investigação dos usos da linguagem, em diferentes domínios: filosofia da linguagem, etnografia lingüística, análise contrastiva, aquisição e aprendizagem de segundas línguas e línguas estrangeiras, dentre outros.

Em diferentes línguas/culturas, os padrões culturais e estilos conversacionais distintos determinam diferentes formas de interação, reveladas através de estratégias diferentes de negociação no uso da língua. Questões específicas

como diferentes graus de polidez na realização de atos diretos de pedidos e ordens, atos expressivos de desculpas, assim como a utilização de atos de fala indiretos podem nos revelar aspectos fundamentais de como os fatores sociais (relações de poder, classes etc.), culturais (sistema de crenças, modos, costumes etc.) e situacionais (ambiente de interação, conhecimento de mundo dos participantes, fatores psicológicos etc.) determinam as relações entre línguas/culturas.

#### 4. O que fazemos quando aprendemos uma língua?

A entoação como componente significativo na realização de atos de fala

Não é difícil ouvirmos dizer que o brasileiro tem um certo ritmo e melodia ao falar, o que é traduzido, muitas vezes, por uma certa manha que contorna o nosso uso da língua quando queremos dizer alguma coisa, sobretudo quando fazemos pedidos ou expressamos algum sentimento. Essa característica do português falado no Brasil já foi discutida por muitos<sup>13</sup> e continua a ser foco de interesse, em diferentes áreas de estudo da linguagem.

A entoação como componente significativo, no entanto, não é prerrogativa somente do português brasileiro, mas tornou-se um traço fortemente marcado na nossa cultura. As diferentes formas de dizer uma

mesma sentença, ou enunciado, torna-se uma escolha que não depende somente de aspectos gramaticais, intralingüísticos, mas sobretudo de aspectos contextuais, os quais podem variar, inclusive, de região para região. Não é surpresa constatarmos que um ato diretivo de pedido na Bahia possui características entoacionais diferentes de um ato de pedido, gramaticalmente idêntico, emitido por um falante nascido em São Paulo. No entanto, algumas vezes, essa diferença de entoação pode representar também uma variação na significação do enunciado.

De acordo com Cagliari (1979; apud Rizzo, 1981) a entoação é uma das possibilidades que a língua nos oferece para podermos significar coisas diferentes e esse processo deve ser considerado da mesma natureza de outros como modo, aspecto, tempo etc. Qualquer enunciado, segundo Cagliari, pode ser realizado de diferentes maneiras entoacionais, denotando significados diferentes. A escolha de produzir um enunciado com uma entoação x, desse modo, é determinada por uma intenção de querer dizer alguma coisa, querer significar algo.

Essa possibilidade de realizar, pela mudança de tom, um mesmo enunciado com diferentes significações, não acarretaria bloqueio ou dificuldade de compreensão para os falantes nativos do português, vez que os conhecimentos culturalmente partilhados tornam os falantes aptos para inferir as variantes significativas de um mesmo

12) Vide Brown e Levinson (1978), Leech (1980), House e Kasper (1981) que compararam o uso das marcas de polidez em falantes nativos de inglês e alemão, na realização de pedidos e desculpas; Blum-Kulka (1987) que estudou a relação entre percepção de atos indiretos e marcas de polidez em pedidos, comparando o inglês americano e o hebreu; dentre outros. (BLUM-KULKA et al; 1989)

13) Vide CAGLIARI, L. C. Os Tons do Português Brasileiro. Unicom. 1979 (mimeo); VOGT, Carlos. A Palavra Envolvente. Unicom. 1973. (mimeo), dentre outros que discutiram esse aspecto do português falado no Brasil.

enunciado, em diferentes situações de interação comunicativa.

No entanto, quando usamos essa estratégia entoacional ao produzir enunciados em outras línguas estrangeiras, como o inglês, por exemplo, a intenção de querer dizer algo, através do tom do enunciado, nem sempre se realiza satisfatoriamente. Desse modo, se um brasileiro, por interferência de sua língua materna, dirige-se a um pub inglês e, voltando-se para o *barman* diz, em tom de pedido: *Oh, give me a coke?*<sup>14</sup> O que presumimos que acontecerá? O *barman*, com certeza, pensará que esse sujeito é muito grosseiro e mal-educado! Isso aconteceria porque, nesse caso, a entoação do enunciado não representaria, para o falante inglês, a polidez exigida nesse tipo de pedido, e sim um enunciado do tipo: *Can/could you give me a coke, please?* A supressão da expressão “por favor” em atos diretos de pedidos em português é, na maioria das vezes, compensada por uma entoação que denota essa intenção do falante.

Em situação de aprendizagem do português como língua estrangeira, essa possibilidade de variação significativa, através da mudança de tom, também

pode representar bloqueio ou ruído comunicativo para os falantes de outras línguas.

Em experiências vivenciadas em sala de aula, durante dois anos, com uma turma mista de falantes tchecos, iugoslavos (nascidos na antiga Iugoslávia) e americanos<sup>15</sup>, percebemos, logo nos primeiros estágios do curso, que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos aprendizes, sobretudo os tchecos e iugoslavos, era compreender os diferentes significados das marcas entoacionais de certos atos de fala, sobretudo pedidos, produzidos por brasileiros. A princípio, eles não compreendiam como poderia ser educado ou polido pedir algo, de uma maneira “bem cantada” segundo eles, usando enunciados como:

- *Vá comprar o que eu pedi, vá!* (1?)
- *Oh, deixe eu passar na sua frente!* (1?)
- *Ah, feche a porta!* (1?)
- *Oh, pegue a minha bolsa aí.*
- *Me dá um copo de água?*

De uma maneira geral, esse tipo de enunciado representa uma ordem, pois dessa forma decodificamos o seu sentido literal. No entanto, do ponto

14) Esse exemplo corresponderia à emissão, em português, de um enunciado do tipo: *Ó, me dê uma coca?* (interjeição + verbo no imperativo + complemento). Não faremos, neste trabalho, uma descrição das características entoacionais dos enunciados usados como exemplos, uma vez que tal empreendimento, por si só, já seria motivo para um outro estudo. Apenas buscamos, de maneira ilustrativa, complementar, com extratos recolhidos ao longo da minha experiência como falante do português e como professora de línguas, essa breve reflexão. Qualquer falante de português, como LM ou LF, é capaz, mesmo sem uma descrição adequada, de reconhecer a possibilidade de realização entoacional sugerida no referido exemplo.

15) Curso de português para estrangeiros ministrado no CEPE – Centro de Ensino de Português Para Estrangeiros da Universidade Federal da Bahia – Salvador-BA, 1994-1995.

de vista contextual e discursivo, esse tipo de emissão pode assumir, a depender do tom com o qual é produzido, o significado de pedido, mantendo-se as regras de polidez e cooperação necessárias para que o ato seja bem sucedido. Nos casos acima, além da entoação adequada, há outros elementos que dão apoio à melodia do enunciado e que são bastante comuns no português do Brasil: interjeições (*oh, óh, ah, oi, olha etc.*); expressões de reforço ou realce formadas por verbos, interjeições, marcadores conversacionais etc. (*vá, vai, viu, né, tá etc.*).

Os nossos alunos, dessa forma, passaram a se interessar em compreender, através do convívio com os brasileiros e da aprendizagem formal da língua, as regras linguísticas e pragmáticas que regem a emissão desse tipo de ato, em diferentes situações de interação comunicativa. Após o primeiro ano, os alunos que ainda continuavam no curso<sup>16</sup> lembravam dessa dificuldade que haviam vivenciado inicialmente, como uma experiência enriquecedora, a qual os fez desenvolver, mais rapidamente, segundo relataram, a sua competência linguístico-pragmática.

Eles também demonstraram ter consciência, ao final do primeiro ano do curso, de que os atos que representam ordens, pedidos\* e desculpas, principalmente, trazem em si marcas culturais muito fortes, as quais, a depender da língua e cultura dos grupos em interação linguística, podem causar bloqueio e dificuldade

de compreensão devido a padrões de interação culturalmente distintos.

Os atos de fala indiretos em línguas/culturas diferentes

Como já apontamos no item 4 deste trabalho, quando citamos algumas pesquisas desenvolvidas sobre a teoria dos Atos de Fala e sua implicação para o ensino de línguas, um dos aspectos mais feitos de investigação nesse área tem sido os atos de fala indiretos.

Para Nattinger & DeCarrico (1992), a relevância e consideração desse tipo de enunciado para o ensino de línguas, especificamente para o desenvolvimento da competência comunicativa do falante, justifica-se não somente pelo fato de serem numerosos e multifuncionais na maioria dos línguas, mas também porque permitem diferentes possibilidades de usos, de diferentes formas, em diferentes contextos. Para os autores, devido à flexibilidade de estruturas desse tipo de ato, os aprendizes devem ser capazes de escolher, para uma determinada função, um tipo de estrutura que sirva de base para um diversificado número de variantes possíveis de uso. Essa capacidade para eleger a estrutura de base, assim como a possibilidade de expansão dessas estruturas, podem ser ensinados em situação formal de aprendizagem.

No ensino/aprendizagem de língua estrangeira, particularmente, a compreensão dos atos de fala indiretos é um dos aspectos mais relevantes para o desenvolvimento da competência

16) Apenas os alunos tchecos e iugoslavos permaneceram no curso durante o segundo ano.

comunicativa do falante, da qual faz parte a competência pragmática, que, dentre outras funções, regula as regras de uso da língua, de acordo com apropriados contextos e situações.

Ao aprender uma língua estrangeira como o português, por exemplo, o aprendiz deve ser capaz de realizar pedidos, perguntar coisas, fazer promessas etc., em diferentes contextos. Os atos de fala indiretos, nesses casos, são largamente utilizados, sobretudo quando o falante deseja realizar atos de pedido. É comum no português, por exemplo, estabelecer uma relação direta entre grau de polidez e enunciados mais diretos ou menos diretos, ou seja, quanto mais polido o pedido, mais indireto ele costuma ser, como nos enunciados abaixo:

- Você me dá um copo de água, por favor?
- Você pode/podia me dar um copo de água, por favor?
- Você poderia me dar um copo de água, por favor?
- Você poderia, se não fosse incômodo, me dar um copo de água, por favor?
- Seria que você poderia, se não fosse incômodo, me dar um copo de água, por favor?
- Eu gostaria de saber se você poderia, se não fosse incômodo, me dar um copo de água, por favor?

Esse tipo de relação é um aspecto presente na maioria das línguas, e geralmente é determinada por características sociais da comunidade de fala, padrões culturais de interação, relações de classe, poder, gênero etc.<sup>17</sup> Um

aluno estrangeiro, aprendendo português, deve ser capaz de, em diferentes situações, compreender os diferentes graus de polidez presentes no enunciado, nesse caso através dos atos de fala indiretos, assim como produzi-los em adequados contextos de uso.

Esses tipos de atos indiretos, por serem mais convencionais e estarem presentes na maioria das línguas, não costumam representar grandes problemas para o aprendiz de uma língua estrangeira. No entanto, há outros modos de realização de atos diretos de pedidos, por exemplo, que costumam sofrer variações de cultura para cultura e, conseqüentemente, podem representar dificuldade na aquisição/aprendizagem da língua estrangeira. No português do Brasil, por exemplo, há a ocorrência de enunciados indiretos de pedido muito peculiares, nos quais o propósito ilocucionário primário diverge do sentido literal do enunciado, de modo que exige do ouvinte, além dos conhecimentos de base linguística, outros conhecimentos partilhados com o ouvinte, a consideração de regras de cooperação, além do domínio de regras específicas de uso contextual da língua.

No exemplo do ato diretivo de pedido, muito comum no Brasil, Você tem relógio?, o significado literal do enunciado é saber se o ouvinte possui determinado objeto. No entanto, a intenção do falante contida no propósito ilocucionário primário do ato enunciado é o de solicitar ao ouvinte que o informe sobre os horas. Outros exemplos desse tipo podem ser destacados, como:

- Você está de carro?
- Você tem dinheiro?
- Você tem telefone? E-mail?
- Você tem fogo?

Nesses enunciados, os propósitos ilocucionários primários seriam: pedir corrona, pedir dinheiro ou pedir para alguém pagar algo, solicitar o número do telefone ou do e-mail do ouvinte e pedir para que o ouvinte acenda algo, respectivamente. Esse tipo de construção não seria problema para um falante brasileiro, mas, de acordo com nossa experiência em sala de aula, costuma ser fonte de interferências e bloqueios quando os participantes da interação linguística são aprendizes estrangeiros.<sup>18</sup>

### Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos alguns aspectos da teoria dos atos de fala, destacando aqueles que nos pareceram mais relevantes para uma compreensão mais global da teoria. Em seguida, ressaltamos, de maneira breve, algumas aplicações destes princípios em diferentes linhas de estudo da linguagem. O nosso objetivo foi demonstrar que a compreensão da língua, enquanto instrumento de ação, passa pela consideração de diferentes aspectos contextuais, que vão desde o

estado psicológico dos que atuam no processo comunicativo, até os fenômenos culturais e sociais que sub jazem ao processo de interação linguística. Dentro dessa perspectiva, discutimos algumas aplicações da teoria dos Atos de Fala para explicar o caso da entoação no português, que funciona, na maioria das vezes, como um das possibilidades de significação no uso da língua, e alguns exemplos de atos de fala indiretos, os quais são muito frequentes nas línguas e podem desencadear, a depender dos grupos de fala envolvidos, dificuldades e bloqueio na comunicação.

A investigação dos modos de produção dos atos de fala, entre línguas/culturas, pode-nos revelar, dessa forma, a maneira como os indivíduos interagem quando estão usando a sua língua materna ou aprendendo uma língua estrangeira e, conseqüentemente, como a compreensão desses fatores pode auxiliar professores e pesquisadores nas suas atuações em sala de aula e na utilização e produção de materiais de ensino.

Especificamente com relação ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, o estudo dos atos de fala, dentro de uma perspectiva intercultural, pode-nos auxiliar na criação e produção de materiais didáticos culturalmente orientados; na eleição de

18) Em experiência vivenciada com alunos ovaçoados de português, na Universidade de Ahus, Dinamarca, durante o ano de 1996, percebemos que os aprendizes que haviam iniciado os seus estudos de português no Brasil, em situação de intercâmbio, demonstravam maior habilidade em compreender esse tipo de ato de fala indireto do que os estudantes que haviam feito o mesmo intercâmbio em Portugal. Talvez essa diferença de habilidade em reconhecer determinados tipos de atos indiretos possa sugerir, de maneira preliminar, a influência de padrões de interação culturalmente distintos na emissão de atos de fala, mesmo considerando-se uma mesma língua. É possível que isso também ocorra, por exemplo, com o inglês europeu em relação ao inglês americano.

17) Vide CLYNE (1994); BLUM-KULKA & KASPER (1989); KASPER & BLUM-KULKA (1993).